

A ditadura das árvores

- r♥mance contemporâneo –

Laura Ramos



Tecto de Nuvens

Uma janela fechada de seis vidros quadrados deixa o sol inundar o quarto nu, caiado de branco. Uma cama de solteiro, em ferro preto, esgueira-se entre duas mesinhas de cabeceira feitas de madeira velha, como uma pobre maca entre dois feridos cobertos de cicatrizes. A porta do guarda-fatos não sabe o que é uma fechadura e deixa à mostra o novelo de roupa no seu coração.

Arlindo acaba de envergar um casaco esgaçado de malha cinza, arrancado ao móvel como a crosta de uma ferida.

Além dos dois quartos e de uma casa-de-banho com peças antiquadas e azulejos coloridos, a casa é composta por um compartimento amplo, habituado a servir de cozinha e sala. Para um lado, encaixa-se uma lareira arcaica e, ao lado, um pavimento de cimento chamuscado onde jazem três painéis pretos de ferro, antigas, cada uma com três pernas esguias. Uma das painéis tem a boca aberta, a cuspir vapor, em cima de uma labareda rebelde.

Uma mulher, de lenço estampado na cabeça, luta com a fogueira para a obrigar a cozer a sopa do dia. A sua arma é uma tenaz preta. Usa-a contra os toros de lenha e serve-se de uma pequena vassoura de fios enferrujados, inventada para encurrular cinzas e faúlhas. Tem o cabelo grisalho médio a espreitar no fundo do lenço. Os olhos são escuros e apequenados pelas canseiras da vida. As mãos robustas e os pés largos, enfiados em tamancos, lembram aos outros a crueza da terra e a nudez das almas campesinas.

- Já volto, tia. Vou pôr o milho às galinhas antes do almoço. – O jovem de pouco mais de vinte anos tem o cabelo negro, em socacos de ondas selvagens desde a nuca ao fundo do pescoço robusto. As faces ásperas rematam a boca vermelha e rechonchuda. O olhar de avelã perscruta o céu para saber a cor que veste a cada dia.

- Huh! – Da boca da mulher escapa um som semelhante a um grunhido.

- É rápido! – O jovem reconhece o dialecto e contrapõe o seu argumento à tia que aparenta idade de uma avó.

Consoladas as galinhas pela visão dos grãos espalhados, Arlindo sai do galinheiro e depara-se com dois vultos a atravessar o caminho perpendicular de terra que sobe a colina.

- Sininho? Onde foste buscar essa? – Tomás confronta a pequena irmã.

- Eu sou uma fada! A verdadeira fada Sininho!

Novamente se riem os namorados.

- Aah... Uma bonita fada, lá isso és! – Clara concorda.

- E como descobriste que és uma fada? – Tomás desafia a novidade.

- Porque as árvores falam comigo.

Tomás e Clara desmancham-se a rir.

- Ora, a minha irmãzinha anda a sair-se com cada coisa mais engraçada! – Tomás delira com as palavras da irmã. – Mas já alguma árvore falou contigo?!

- Claro que sim! – afirma Daniela.

- Uma menina tão linda como tu, é natural que as árvores queiram falar contigo! – Clara resolve entrar na lógica da criança.

- Então, vá, conta-nos pormenores. – Tomás indaga. – Que árvore falou contigo? O que te disse?

- Mais do que uma!

Tomás e Clara soltam risadinhas e, às vezes, repetem em eco as palavras da menina, tão encantados estão com as novidades.

- Não me dizem muitas coisas. Às vezes é só um “olá”, às vezes choram à minha frente.

- Choram e dizem-te por que motivo choram? – Clara está curiosa.

- Não precisam. Eu sei de tudo. – Daniela saltita, enquanto avançam no caminho.

O trio já saiu das ruas da aldeia e trilha o caminho de terra que sobe até ao monte Silvestre.

- E que sabes tu, miúda? – Tomás puxa pela conversa, roído de curiosidade.

- Sei que choram e andam zangadas.

- Aah! Isso é muito estranho! – Clara atalha. – E ao mesmo tempo, muito engraçado.

Arlindo está a descer a mesma via e todos se cruzam.

- Então, Arlindo, tudo bem? – Tomás é o primeiro a cumprimentar.

o barulho de portas a bater no interior da casa.

- Devem estar janelas abertas nos quartos. – Clara levanta-se e dá um giro pela casa para acalmar portas e janelas. Regressa à mesa da cozinha. – Fechei as janelas dos quartos. Estavam todas abertas. Maio esquisito com este vento tão forte, vindo do nada!

Enquanto prova e geme de prazer às primeiras garfadas, a família jovial ouve o vento a roçar nos vidros, às vezes a bater-lhes com fúria. A luz do sol enfraquece e a cidade prepara-se para combater a escuridão com a luz que o homem inventou para suportar as saudades do astro rei.

Depois do jantar, enquanto Tomás e Clara se sentam nos sofás da sala, Daniela pisa a varanda. O vento revolve os cabelos de ouro e corta a respiração. A menina recua para a marquise e fecha a porta de vidro. Fica obcecada a olhar como se fitasse o vento nos olhos e o penetrasse com a própria alma.

As rajadas não poupam os vidros da casa e continuam a fustigá-los. Descaradamente, desafiam o olhar da menina e insistem na fúria que lhes dá braços de polvo e uma carantonha com o sobrolho torcido a vociferar para a pequena. A fada Sininho sente-se tão observada como observadora e descobre o abismo no coração da ventania.

- Aaaah...! – Daniela expulsa um grito de terror e, a seguir, as lágrimas correm pelo rosto de cera como a chuva que o vento traz.

Tomás e Clara precipitam-se para a cozinha, alertados pelo grito de terror e deparam-se com Daniela sentada no chão com os preciosos cabelos enroscados pelas portentosas garras do vento.

A menina tem calças e camisola de algodão, em tom verde de floresta negra, em contraste com o bosque fluorescente dos olhos grandes, agora atingidos por um fogo vermelho de lágrimas. O irmão e a futura cunhada parecem-lhe dois bombeiros em serviço.

- Então?! O que aconteceu?! – Tomás ajuda a irmã a recompor-se.

- Foi o vento! Tem uma cara feia! – Daniela já engoliu os soluços e, de cara lavada, explica o que sentiu.

Apesar do improvisado cenário, Clara sorri de alívio por constatar que nada de grave aconteceu.

- Tu viste a cara ao vento, é isso? – Tomás acha graça à visão e começa a brincar. – Que as árvores falam contigo, já sabíamos. O que nos faltava saber é que o vento tem cara.

- Fazia caretas horríveis! – Daniela explica melhor. – Anda zangado com os homens e também bate nas árvores!

- E queria fazer-te mal, até te empurrou! – Clara já está tão divertida como o namorado. Afinal, a queda da garota foi mais um episódio engraçado nas misteriosas relações com o mundo mágico dos elementos.

- Não! O vento não tem nada contra mim!

Desta vez, o par de namorados ri-se às gargalhadas.

- Claro que não! – Clara reforça a ideia. – Que poderia ter o vento contra a fada Sininho?!

- Ele sabe que eu o entendo, por isso me veio dizer como se sente. Eu é que fiquei assustada com a sua fúria. Até caí com o rabo no chão!

- Ora, pois! A Natureza conversa com a minha irmãzinha. – Tomás conclui. – Escolheu boa confidente!

Mais umas boas gargalhadas do irmão e da futura cunhada.

Em pouco tempo, Daniela ultrapassa os queixumes da ventania e distrai-se a pintar um caderno que o irmão levou para a entreter, enquanto os namorados desfrutam de beijos tímidos no sofá, não fosse a pequena fada ficar novamente em reboliço.

A paz reinante, após a fúria do vento metedigo, não foi duradoira. O telemóvel de Clara começa aos berros.

- Oh, o meu pai! – Clara exclama e atende, surpreendida.

- Pai?

- Olá. Onde estás?

- Estou... - Clara olha Tomás, encalhada nas palavras que não quer dizer ao pai. – Bom... Eu estou... Estou com o Tomás e a Daniela.

- Daniela? Quem é a Daniela?

- A irmã do Tomás.

- Aah... - O pai fica esclarecido. – Já não me lembrava que o Tomás tem uma irmã... Pequena, não é?

- Sim, pai. Está tudo bem?

- Estás a viver em casa de uma amiga. Já sei tudo.

- Aah... Sim. Falaste com a mãe... a minha mãe?

- Falei com o Rodrigues. Estive com ele por acaso, enfim... O pai do Artur. E ele contou-me. Estou aborrecido por ter sabido coisas da

- Não tenhas vergonha. Ouvi falar das tuas aventuras. Eu gostava muito de conhecer essa história, sabes? – O filósofo afina as qualidades de bom comunicador.

- Eu não tenho vergonha das árvores. Estou orgulhosa de elas me terem escolhido para me contarem segredos. - A miúda estica o pescoço. Não é preciso muito para se pôr à vontade e mostrar a sua dicção esgrimida.

- Wow! É assim mesmo! Conta-nos tudo. – Azevedo congratula-se com a personalidade extrovertida. – O que te dizem as árvores?

- Não são só as árvores. O vento também me fala.

Todos se riem.

- Ok, conta lá o que ouves. – Azevedo insiste.

- As árvores andam zangadas com os homens. – Daniela expõe as confidências das árvores.

- E com as mulheres também? – Tatiana tem de torcer todas as conversas.

Clara e Tomás riem-se.

Daniela não gosta da pergunta que a faz corar.

- Conta lá, fadinha. Fada Sininho. – Azevedo compõe. - Tatiana, deixa a menina falar o que quer. Conta, boneca.

- Já disse. – Daniela não tem mais nada a acrescentar ao essencial.

- Então e o vento? – Tomás escarafuncha.

- O vento também anda zangado.

- E a que propósito tanta zanga?! – Tatiana está curiosa. Ajuda a engatar a conversa.

- Os homens são maus para a Terra e uns para os outros. As árvores e o vento vão-se vingar. – Daniela conclui, enquanto se espolinha na saia florida.

- Humm... Faz sentido. – Azevedo quer ganhar a confiança da miúda.

- Aquela nuvem... Aquela nuvem... - Subitamente, a criança fica agitada, aponta para os vidros de uma das várias portas que enchem o salão de luz, mas mostram a calçada portuguesa sombreada pelas nuvens bochechudas.

- Aquela nuvem...? - Azevedo olha na mesma direção e quer dar um empurrãozinho às palavras que parecem engasgadas.

- Que se passa, fadinha? – Tomás preocupa-se com os olhos arregalados da irmã que parece enxergar um monstro que mais ninguém vê.

- Vai bater! Vai bater muito! – A menina quase grita.

Tomás abraça-a para lhe acalmar o peito saltitante.

Lá fora, o vento começa a uivar nos montes, a despenhear arbustos, chega aos vidros, batendo-lhes com raiva e põe as árvores a dançar.

Daniela liberta-se da prisão do braço de Tomás e segue afoita em direção aos vidros de uma porta na parede lateral da casa, entre o medo e o desejo de pedir satisfações à ventania.

Os jovens permanecem sentados, atentos aos movimentos da pequena fada que circula pela sala com pés de bailarina. Com a testa colada a um dos vidros, Daniela fita o vento furioso que viajou escondido na nuvem escura e papuda. O sol de Junho foi decepado pela nuvem.

Daniela descobre um sobrolho torcido no olho da nuvem que parece um furacão. Uma boca aberta sopra-lhe a sede de vingança. Uma voz secreta estoura nos ouvidos da criança e explode a palavra “Avisa”.

Tomás já se levantou e caminha em direção à irmã que parece suspensa num êxtase. Antes de conseguir abraçá-la, todos ouvem o grito de Daniela.

A miúda aperta os lábios para não assustar mais a plateia e tapa os ouvidos como se os quisesse impedir de receber a ordem do vento.

Artur continua estendido no sofá a atirar a pala de cabelo para trás, boquiaberto com a fúria das rajadas. Tatiana continua enroscada nele sem dar crédito aos vivos.

Clara e Tomás abraçam a menina que já foi arrastada para o sofá.

- Então, pequena fada, não te assustes! É só vento! – Clara disfarça o desconforto que lhe causa o espetáculo da ventania.

- Vá, então, não tenhas medo. Há muitos ventos no mundo. Estes não foram os primeiros, nem serão os últimos. - Azevedo esboça um sorriso calmante.

- Eu já estou bem! – Enfatiza a Daniela. – O vento falou comigo. Disse-me para avisar. Ele está furioso. As árvores pedem vingança. – A pequena relata o clamor da Terra.

Noutra altura, os jovens teriam descambado em gargalhadas, divertidos com a visão da miúda, mas a tempestade súbita não deixa disposição

para a farra e parece dar profecia às misteriosas palavras.

- Ainda bem que já te sentes bem. Até me assustaste, Daniela. – Tatiana enrosca-se ainda mais no colo do namorado, ambos deitados de lado. – Pensei que tivesses visto o... o...

- Adamastor! – Azevedo ajuda a amiga de infância a completar o raciocínio.

Tomás e Clara riem-se.

Daniela arrebatava-se com os rugidos em toda a casa. Está atenta como se continuasse a escutar uma conversa na boca do vento e, sob a asa do irmão protector, sorri vitoriosa sobre o medo.

De repente, o vento decide-se pelo silêncio, mas a tarde escurece ainda mais com as nuvens a produzir um eclipse total do sol. Os jovens assistem à luz repentina de um relâmpago e ao estrondo que se segue.

- Ena! Isto é que é um mês de Junho! – Azevedo aprecia.

Daniela enrosca-se mais na axila do irmão que lhe sorri como uma hospedeira a um passageiro desconfiado.

Tatiana salta do sofá e acorre ao vidro que ainda está ligeiramente corrido para o lado. Em boa hora o fecha, imediatamente antes de a nuvem vomitar uma tormenta de granizo que desanca nos telhados da aldeia e os deixa cobertos com um véu branco.

- Dilúvio... - Tomás comenta.

Bolinhas de gelo disparam contra as portas de vidro e uma enxurrada varre o relvado.

- Medo de quê, se o vento fala contigo e te explica tudo? – Tomás sossega a irmã aninhada no seu peito e a senti-lo como uma muralha inexpugnável.

A televisão exhibe imagens de uma cidade devastada por terramoto e outros lugares passados a pente fino por tufões e ciclones.

Os jovens ficam em silêncio, incrédulos com a rotação das notícias sobre a furiosa mãe natureza, apreensivos com a sincronicidade dos ventos tempestuosos.

Subitamente acanhados pela timidez que não alimentam noutras paragens da Terra, a chuva cala-se e o vento foge.

- É só chuva! – Tatiana, ainda pálida com o susto, decide desanuviar.

- O tempo está esquisito. Quem diria que vinha esta granizada! – Clara

- Sinto a Terra rosar... - Daniela comenta com uma expressão de gato atento. – Oh, sim, ela rosna...

Tomás larga o rosto e os lábios da namorada.

- Já começa, miúda! A viagem não te fez esquecer essas coisas todas? – Tomás sorri.

- Deve ser do calor. Temos de voltar. – Clara acrescenta.

- Estava com saudades deste lugar. – Tomás observa. - Não é um lugar. É um posto. Um privilegiado posto!

Já em descida, rumo à aldeia, por caminhos e ladeiras, Tomás decide tecer comentários.

- Imagino que deves ter passado dias divertidos com eles, mas gostava de te dar um conselho para quando voltares a Lisboa.

- Sim...? – Clara está surpreendida.

- Quando regressares a Lisboa, fazes questão de voltar para casa da Tatiana, ou melhor, do Artur que é governada pela Tatiana?

- Sim... Estou a pensar que sim.

- Talvez devas ter algum cuidado com ela.

- Cuidado...? Porquê?! – Clara admira-se. – Ela tem sido uma ótima amiga. Como eu não esperava!

- Ainda bem. Mesmo assim, reserva-te. Nunca se sabe.

- Mas pareceu-te alguma coisa de errado? Ela disse alguma coisa estúpida?

- É só um conselho amigo para não te desiludires.

- Pois, já não é a primeira vez que desconfias do carácter da Tatiana e eu já te contei a cena que ela fez quando vimos a mãe do Artur aos beijos com o Nicolau. Foi tão cínica e tão julgadora... - Clara ainda tem o episódio que abateu o Artur preso na garganta. – O Artur ficou tão em baixo!

A semana seguinte teve o condão de serenar os espíritos aldeões. O Verão abandonou as crises de choro que inundaram os terrenos, de forma inusitada, pela calada da noite e os gritos de trovada. O céu voltou a sorrir de felicidade e a vestir-se de um manto azul translúcido.

Os avós e a mãe de Clara estavam de novo radiantes diante do mundo que, na aldeia, parecia ter retomado o rumo certo e se ter realinhado com a ordem cósmica.

A Daniela contou a quem lhe deu atenção como tinha ouvido a Terra rosar lá no alto, no monte Silvestre.

Tatiana, Artur e Azevedo ficaram isolados no palácio, esquecidos pelo

par de namorados que priorizou o romance a céu aberto, embora perseguidos pelo pequeno candelabro que não larga o irmão.

Azevedo emudeceu no quarto, desde que Tomás lhe roubou a convidada especial. Não conseguiu sequer despedir-se de Clara quando ela se reencontrou na sala com Tomás. Não os quis ver juntos e muito menos presenciar a fuga de uma desejada noiva. Submergiu nos estudos que o encham de esperança no futuro, alheado dos próprios amigos que se prostraram nos sofás durante o dia e regressaram à rota dos bares.

O palácio voltou a ser olhado pelos aldeões como um assombrado antro, aonde regressou o verdadeiro dono no sábado seguinte, o Rodrigues carregado de olheiras e cabelos brancos esvoaçantes, indiferente ao rumo na vida do filho e da falsa nora.

O domingo chegou com a bênção de uma brisa fresca.

O povo juntou-se no adro da igreja, preparado para a missa. Antes de entrarem, os aldeões puseram conversas em dia, discutiram alguns acontecimentos políticos, a guerra na Ucrânia e comentaram o regresso do Rodrigues que trazia uma expressão tormentosa e mal dirigia a palavra a quem quer que fosse.

O sacerdote, na sua veste sagrada, tinha uma voz mais potente do que nunca. Durante a homilia, dirigiu-se do púlpito ao povo na igreja, como se dirigisse um comício, com um timbre de voz estridente e emocional que arrasa multidões, em vez de as arrastar.

- Dizem que, hoje, os homens vivem mais tempo. Mas quem é a geração que se aguenta mais tempo hoje? Os que foram criados com solidez, nos tempos em que tudo era mais puro e beneficiaram do avanço da medicina. Mas e os outros, aqueles que já nasceram nestes tempos conturbados e são agora a geração que vai sustentar o mundo nas próximas décadas? Pois, vós sois os filhos da poluição! A poluição que mata os rios e os mares! A poluição que suja o ar! E pior! A poluição que suja as mentes e os corações! Quem sois vós para rejeitardes o vosso Deus? Para tirá-lo da História como se os homens pudessem viver sem a Sua Misericórdia?! Quanta ignorância! – De repente, um breve e aterrador silêncio para, logo de seguida, voltar a bradar. - É preciso ter coragem para enfrentar a realidade dos nossos dias! Mais: para fazer o caminho de regresso. Porque o Pai abraça o filho pródigo!

No fim da missa, o povo está novamente reunido no adro como assembleia pronta a discutir resultados.

- Hoje, o padre estava assanhado. – Nicolau comenta aos avós de Clara,

enquanto repara no rosto bonito de Célia.

- Pronto para nos bater! – O avô de Clara faz paródia.

Outros populares se acercam e riem-se dos comentários.

- Verdade. – Dizem outros a rir-se. – O homem estava zangado!

- Como se tivéssemos culpa do que vai no mundo. A guerra, a corrupção, a falta de respeito, é tudo uma vergonha. Nem apetece ver notícias. – Maria Fontes lamenta.

- Anda cada vez mais apocalíptico, este padre. – Célia acrescenta. – Nem parece um jovem ainda na casa dos trinta!

Tomás e Clara caminham de mãos dadas no adro da igreja sob os olhares dos aldeões curiosos e confusos. Saíram da porta principal da igreja como se fossem noivos a desfilar diante dos convidados.

Especialmente as mulheres observam Clara como a proscrita que uns dias antes, enganava o noivo com um amante, até dormindo no palácio que o alberga, sabe-se lá as acrobacias que fizeram.

- Esta juventude... – Comenta um aldeão próximo do belo par, em tom jocoso e a arriscar uma crítica perversa. – É o nosso futuro! – Termina, desviando o ataque.

- Ai isso é... - Um coro feminino e perverso, arrumado para a missa dominical, assina por baixo.

O panorama do par de noivos, jovens elegantes e distintos, a desfilar diante de uma plateia invejosa, torna-se um palco para os aldeões.

Os avós maternos e a mãe da jovem regalam-se com a amorosa visão e a rolha que pressentem enfiar-se na boca do povo maldizente.

Enquanto os olhos de Célia brilham ao sol como céu iluminado e o cabelo resplandece de louro escuro retocado na cabeleireira, Nicolau sente uma seta de Cupido perfurar-lhe o peito.

- Se precisar de ajuda na horta, fale comigo. – Ofereceu como um velado dote, ao pai da musa.

- Obrigado! Ora essa, eu cá me arranjo. Nunca incomodei conterrâneos.

- A idade vai avançando e eu ainda posso ajudar muito gente de bem como os senhores.

- Muito obrigado! Tem é que me ensinar a plantar framboesas que as vejo bem lindas a sair pelo muro da sua casa.

- Dou-lhe um pezinho na altura certa e vai ver que é mais fácil do que parece. – Nicolau tem umas calças de sarja preta e uma camisa branca aberta no peito, por onde se espreita uma corrente em ouro com

- Sim! E mexe-se como se estivesse a acordar na cama.

- Ena! Como sabes isso?

- Ouço-a. Sinto-a. Às vezes, a Terra fala comigo e avisa-me mais uma vez “Olha que eu vou me revolver toda e tudo será revolvido!”

Tomás ri-se. - Diz-lhe para continuar a dormir que nós precisamos da sua paz.

- Não adianta. Ela disse-me que está à espera de ordens para agitar todas as árvores. Quando o fizer, as árvores vão manifestar grande rancor aos homens. Vão atacar-nos!

- Wow! Sabes que os teus ditos davam um filme apocalíptico?

- Tens de acreditar em mim. Mais ninguém me dá ouvidos.

- Isso não é verdade. Na aldeia, todos te acharam imensa graça e queriam ouvir as tuas histórias.

- Mas esse é o problema. Não são histórias! Acham piada e não acreditam. – Daniela veste um pijama branco com bonequinhos azuis.

*

- Mãe, o pai foi libertado. Acabou de me ligar a dar a novidade. Foi ouvido e não ficou preso. – Artur sente-se mais aliviado no final de terça-feira.

Mercedes está instalada no palácio por uns dias para tomar conta do filho, como se ainda fosse um menino de bibe e lhe deixar um carro em segunda mão que tinha comprado às pressas em Viseu e escondido na casita que comprou a uns quilómetros dali.

- Até que enfim, sabemos alguma coisa sem ser pela televisão. – Mercedes está a jantar com o Artur na mesa da copa, onde a aldeã deixou um cozido à portuguesa e um caldo verde.

Tatiana está na suite a mascar uma chiclete. Alegou ter perdido a fome toda com os últimos acontecimentos e refugiou-se do namorado e da pretensa sogra.

- Não vamos sair hoje? – Pergunta ao Artur, quando o vê a entrar no quarto.

- Depois de tudo o que aconteceu, como é que consigo sair? Só temos o carro que a minha mãe me deu.

- Não chega?

- Não tenho cabeça para ir a lado nenhum.

Tatiana está impertinente e desce à cozinha para tirar uma cerveja do frigorífico.

Azevedo já rumou a Lisboa onde tem de dar umas aulas num colégio e continua a progredir na tese fora de horas, enquanto recorda o rosto esbelto que o encantou no Verão, sem ver possibilidades de se cruzar com Clara no apartamento, onde nem ela, nem a Tatiana se encontram.

*

Célia e Clara já ouviram falar da detenção do Rodrigues, por Maria Fontes que telefona à filha a relatar tudo o que sabe sobre o palácio dos horrores. Ambas relacionam com as notícias sobre o grande processo que surgiu da escuridão e se manifestou ao país com estarrecedoras detenções.

A Comunicação Social não se cala durante toda a semana com o triste espetáculo de políticos, empresários, investidores e filantropos detidos e alguns entretanto presos preventivamente.

No fim-de-semana, mãe e filha instalam-se na casa dos Fontes, bem ao centro da tosca aldeia.

As conversas dentro e fora de casa centram-se nas novidades sobre o Rodrigues. Esteve detido uma noite e os bens do palácio estão arrestados. Parece que até o próprio casarão não escapou. É como se não fossem do pai, nem do filho. O pior é que as contas bancárias também não podem ser movimentadas. O que vale ao Artur é que o pai recheou bem a conta bancária do filho único e essa já o tribunal não pode apanhar.

No palácio que tem atrás uma quinta como um manto de noiva, bordado a árvores de fruto e videiras, tratadas por aldeões pagos para embelezar o vestido que as estrelas beijam à noite, no Verão, corre um vendaval de emoções e uma enorme seta fere o mapa astral.

Manuel Rodrigues acaba de chegar.

É noite cerrada. Se fosse uma casa decorada com antiguidades, os badalos estariam a uivar à meia-noite.

Mercedes dorme desprevenidamente num quarto, aliviada por, nos últimos dias, ter logrado acalmar o Artur. Como mãe tardiamente extremosa, assegurou-lhe um carro fraco, mas que funciona e servirá como pernas postiças de cavalo às ordens do dono.

Artur finalmente respira fundo à noite, menos aturdido pelas movimentações dos últimos dias e a certeza de o pai estar envolvido em qualquer cenário criminoso de repercussão nacional. Há muito que

disparassem mangueiradas em cima das duas cabeças.

- Olá, eu vim ajudar o Artur. Ele estava muito nervoso sem perceber o que se estava a passar. Tirei uns dias, o colégio não gostou nada, mas o meu filho tem de ser uma prioridade, mesmo maior de idade, ele não sabe o que o espera...

Manuel Rodrigues anui com a cabeça e segue caminho sem dizer uma única palavra. Talvez não tenha ainda tropeçado em palavras capazes de tranquilizar quem quer que seja.

Mercedes agarra-se ao seu próprio cabelo por onde desliza os dedos vacilantes. Não foi rejeitada a sua presença naquela casa, mas está longe de saber o que esperar do ex-marido. Tal como o filho, precisa de respostas às mil perguntas que faz dentro de si própria para tentar definir o futuro próximo e orientar o Artur.

No final da missa, o povo agiganta-se no adro da igreja, enquanto não começa a chover. A conversa da ordem do dia é, como não pode deixar de ser, o escândalo dos Rodrigues, a riqueza transformada em vergonha, o julgamento garantido dos factos que ninguém conhece porque, na aldeia, ninguém presume inocências.

Já ninguém quer saber dos Apocalipses do padre, nem das tentativas de alerta da fada doirada, sempre a avisar na roda dos adultos. A miúda acabou silenciada pelos pais, também atraídos pelas fofocas.

E como os escândalos se apagam uns aos outros, Clara deixou de ser tema de conversa e já ninguém quer saber o que é feito do filósofo, se voltará à aldeia e se o vão descobrir com olhos expectantes, a passar de vez em quando pela porta dos Fontes com uma paixão tatuada no olhar.

Artur está na janela do quarto, sem perceber a razão pela qual a Tatiana não lhe faz companhia e, em vez de o acarinhar, se afasta cada vez mais, já dorme nos sofás depois de ver filmes e não se descola deles durante o dia, comendo na cozinha quando não estão lá mãe e filho.

Alguém bate à porta da suite.

- Entra! – Artur está convencido que é a mãe e a suspeita confirma-se.

- Chamaste um táxi? – Mercedes entra.

- Um táxi?!

- Sim, está um táxi à porta. Quem o chamou? Sabes que o teu pai está cá?

Mercedes repôs a ordem na enorme e valiosa quinta do ex-marido.

Encantado com o cio da mulher que faz questão de voltar a ser esposa e recuperar tudo o que havia perdido, Manuel Rodrigues deixou de precisar de vadias. Quando tudo corria mal, não foram as doces vagabundas que o salvaram, mas a mão estendida da ex-mulher que estava longe de imaginar a restauração do casamento ou prosseguir objetivos premeditados.

No Natal, vão casar pelo civil, em Viseu. Dizem-no a todos os que passam por eles e invejam as ondas de felicidade próspera que emitem.

A ressurreição do casamento dos pais foi também um vento de bonança que frutificou no desamparado e murcho Artur. O jovem refloresceu como uma fénix, levado na doce brisa dos bons caminhos dos pais e pelo soltar das cadeias da libertinagem onde se deixou prender com a Tatiana e, por causa delas, acabaram ambos por naufragar de pés e mãos atadas.

Arlindo vive no século vinte e um, mas tinha a sobrevivência garantida em qualquer século da História. O seu mundo tem a firmeza da rocha e a candura da existência simples e sem ambições. É como os insetos que, em caso de catástrofe, têm as maiores chances de sobrevivência. O coração anda sempre alegre e desprendido, alimentado pelos anjos que habitam os ares e acompanhado, sem saber, pelas fadas e duendes que cuidam da Terra. Sem voar na imaginação, sem a sabedoria dos cálculos e sem divagar filosofias, sem ter a riqueza de ouvir o invisível, entende a linguagem dos mudos como a tia e a Natureza preparou-o para galgar com facilidade os caminhos inóspitos da subsistência. Às vezes, o Arlindo é pouco mais do que um bicho, quando todos os outros humanos estão cheios de desejos, sortes e metas. Outras vezes, quando os homens se perdem em contradições e vazios, o Arlindo perfaz o ideal de homem livre.

Azevedo ouve um ruído de carro a estacionar perto da sua casa. Em poucos minutos, batem à porta.

- Entre!

Tatiana abre a porta e está de volta, toda revestida a napa negra, cabelo mais laranja do que nunca, lábios reluzentes e unhas compridas, pintadas de preto, pernas e coxas enfeitadas com meias de fantasia em xadrez, saltos altos e olhar magnético, a puxar uma mala com uma lista amarela como a das vespas asiáticas.

Algumas pessoas mencionam as intempéries em Portugal e pelo mundo. Dizem que o tempo perdeu a cabeça e faltou o tino ao Inverno, já tão extremista quanto os homens. Tanta chuva desabou dos céus que as sementes andam tímidas e não querem pegar na terra.

A maioria do povo não quer saber das outras crises que abalam o mundo, prefere entreter-se com os percalços do dia-a-dia. Para uma grande parte dos aldeões, o mundo é a aldeia e arredores.

Os pais e avós do Tomás já se enfiaram na igreja para escapar à geada. A pequena Daniela está encasacada como um astronauta em miniatura. Ninguém a quer derrotada pelo frio destemperado da província.

- Não se ouvem passarinhos, hoje, Tomás! – Daniela avisa o irmão, no preciso momento em que entram pela porta principal da igreja.

Tomás não responde e senta-se ao lado da irmã. Tem a mão agarrada à da esposa. Clara está bonita como sempre e combina com a beleza do marido. Juntos, parecem capa de revista de moda.

O Nicolau acompanha os Fontes e senta-se ao lado de Célia.

- O Arlindo não veio à missa. – Alguns aldeões comentam no fundo da igreja. – Anda fugido. Uma vez vem, outras, mete-se em casa. Ainda está triste com a perda da tia Alice.

O sacerdote já subiu ao altar e o povo está recolhido no interior da igreja, todos em pé para dar início à celebração dominical.

O silêncio instala-se. Nos segundos de impasse, há uma eternidade a acontecer.

A pequena Daniela observa o nada e tem o sorriso vibrante do êxtase. Os pais reparam na expressão que não parece sintonizada com a realidade e ficam em alerta. A fada Sininho está a ver um belo cavalo branco a galope, acima da sua cabecinha dourada, enquanto tem a mão esquerda na do irmão e a direita na da mãe.

Chegam fortes cavalos negros e desencadeia-se uma luta épica no céu da igreja, mesmo por baixo da abóboda azul. Os anjos, gorduchos e pintados por entre nuvens, começam a mexer-se e entram no combate. Daniela dá um grito e chora.

O povo comove-se na igreja e as cabeças amontoam-se para socorrer a criança.

- Filha, o que se passa?! – O desespero da mãe.

- O que é que estás a ver? – Tomás suspeita de um cenário assustador, apenas visível para a irmã. – Eu ajudo-te, não tenhas medo!

Daniela não responde, mas a palidez suaviza até voltar um sorriso deslumbrado no rosto inocente.

- Eu estou a ver uma porta muito linda. – Daniela finalmente começa a enxergar o irmão e sintoniza o olhar nesta dimensão. Repara na quantidade de sorrisos à volta, mas não consegue perceber as palavras que lhe são dirigidas, nem mesmo as da mãe. Só tem olhos para o Tomás porque sabe que ele confia nas suas visões.

- Então, pequena criança, já estás melhor? – O sacerdote indaga desde o seu posto, enquanto os aldeões suspiram de alívio por verem a criança recuperar as cores bonitas da face e retomar uma postura normal.

A mãe e Tomás entreolham-se. Clara esgueira-se de modo a conseguir vigiar a expressão da cunhada.

Ouve-se um som fundo e rouco. O chão trepida de modo tão delicado que a maioria da plateia apenas sorri com o gemido cavernoso, um sorriso de repreensão constrangida à terra marota.

O sacerdote está calado, à espera de perceber o que se passa.

Ouvem-se algumas perguntas ao fundo da igreja.

- O que foi isto?

- Será trovada ao longe...?

- O céu está limpo!

No banco comprido atrás do Tomás e Clara, Nicolau e Célia também se entreolham de dúvida.

Daniela não se assusta com mais nada. Tem os olhos absortos em glórias invisíveis. A sua atenção está presa noutra dimensão.

*

Tatiana caminha, afoita, rumo ao pico Silvestre. Segue cheia de espinhos no coração, espartilhada em retalhos de vida, ansiosa por se sintonizar com a energia das árvores tiranas e sorver-lhes trunfos sobre os inimigos que lhe fazem guerra. Azevedo é um general a conquistar e merece todos os esforços pela manhã, ainda gelada. Espera que a majestade da altitude e do cenário grandioso a incendeie de confiança e força para o combate.

Ao passar perto do casebre que foi da tia Alice, vê dois olhos cor de melão indeciso, fixados em si. Imediatamente enche-se de raiva, quando se depara com o Arlindo vestido como um pastor da Idade Média. Não fosse a dor que lhe rouba o nariz empinado, já teria cuspidido palavras de troça e desdém.

- Já saíste da toca? – Mesmo reduzida a despojos, não resiste a disparar.

Arlindo observa a gótica transformada em mera desportista que avança em sapatilhas brancas, fato de treino simples e grosso, casacão apropriado à brisa cortante. Embora não possa rever as pernas de cabra branca, encanta-se com o olhar transviado das ovelhas teimosas. O cabelo laranja faz lembrar o laranjal que brilha atrás dos estábulos.

O jovem sorri à cidadina, alheado dos comentários populares sobre as rápidas estadias da maluca na aldeia, em casa do filósofo e dos gritos do cio que escandalizam os vizinhos pela madrugada. Arlindo vive em total reclusão, num ermo onde apenas se avistam árvores, alguns telhados e os animais. Os únicos sons que lhe chegam aos ouvidos são os das galinhas apavoradas com as raposas, durante a noite, em redor do galinheiro. Mesmo quando vai à missa e acotovela com os curiosos conterrâneos que lhe perguntam por novidades, Arlindo tem poucas palavras e não exhibe interesse nas notícias da vida alheia. Nada sabe, a não ser o que vê e o que pressente à terra que conhece como o seu próprio corpo.

- Tenha cuidado que a terra anda com raiva... - Diz à gótica.

- Raiva, a terra?! – Tatiana distorce o rosto como se acabasse de ouvir uma blasfémia.

No preciso momento da exclamação, soa um ruído de garganta a roncar por baixo do chão.

Tatiana aflige-se e arregala os olhos.- O que é isto?! Vai trovejar? – Tatiana olha ao redor sem perceber o que se passa.

- É a terra que anda a bufar, faz uns dias... - Arlindo responde com uma naturalidade impressionante, exibindo dotes visionários nunca antes revelados.

Tatiana está espedaçada a olhar para ele, sem perceber o que significa o som trepidante e o esclarecimento do pastor.

A Terra volta a rugir com mais força ainda.

*

Na igreja, as pessoas já suspiram de medo, ao sentirem uma segunda rajada de rouquidão que parece subir das entranhas do chão.

- Irmãos, esta é a hora da missa. Vamos... - O sacerdote tenta dar início à celebração, como se ainda estivesse tudo normal, mas a Terra estremece novamente e o povo começa a dispersar.

- O que é isto?! - A mãe do Tomás olha para o marido e o filho, mas sente a mão da Daniela desprender-se e, sem gritos ou palavras, a família vê a menina correr para o exterior.

- Daniela!! - Os pais correm atrás da filha que supõem doente da alma e indefesa. A seguir, vão o Tomás e a Clara, os Fontes, a Célia e o Nicolau.

- Daniela! - Tomás grita à irmã, enquanto a persegue e a terra continua em delicada trepidação, ora a uivar, ora a rugir.

- Não venhas, Tomás, eu estou a ver a porta! Ela está a chamar-me. Tem rosas brancas muito lindas. - Daniela estaciona para explicar ao irmão que a agarra pelo braço.

- Anda connosco! Vamos para casa! Esta noite, prometo que durmo em casa dos pais, pertinho de ti e protejo-te...

- Não, Tomás, eu vou! - Daniela aproveita outro trovão oriundo das entranhas do solo para se libertar das garras do irmão que fica estarrecido com o som. Corre até uma porta debruada a rosas brancas que só ela enxerga e se abre com um brilho intenso.

- Daniela!!! - A mãe vê a pequena Cinderela sumir no ar, como um pássaro branco que sobe ligeiramente e desaparece sem deixar rasto.

- Daniela!!! - O pai também grita e corre para o lugar onde a filha desapareceu sem explicação.

Desesperados, os pais do Tomás e da Daniela dão as mãos, sem compreender o bramido que se torna intenso debaixo dos pés de ambos.

Tomás e Clara começam a correr à volta da igreja, por entre pessoas desorientadas e aflitas, à procura da criança sumida.

O granito revolve-se debaixo das solas dos sapatos dos pais do Tomás. Marido e mulher abraçam-se de dor e amor, enquanto são engolidos pelo chão que se rasga.

Há gritarias e lamentos por todo o lado, enquanto se ouve o clamor da Terra.

- Ai, as árvores! As árvores! - Alguém, já fora do adro da igreja, alerta o

povo para o cenário de árvores, pinheiros e choupos, castanheiros centenários e oliveiras a moverem-se do lugar, arrastarem-se pelo chão, sem se perceber se são elas que ganharam pernas ou se é a terra que as empurra.

As poucas árvores que rodeiam a igreja latejam como corpos vivos e aterradores.

Clara tem o telemóvel a tocar no bolso, mas está demasiado perturbada e grita incessantemente, enquanto o Tomás chora pela família que desapareceu num ápice. O jovem viu os avós a serem tragados por ramos e árvores, estranhamente felizes e com sorrisos nos lábios. Os avós maternos e os paternos abraçaram os braços das árvores que os puxaram com amor para um coração de mistério.

Tomás torna-se o único herdeiro de um vasto legado. É o herdeiro prometido de casas, apartamentos, carros, terras e pinhais ou das sobras deixadas pelo motim das árvores despóticas. O sobrevivente de uma guerra mística que lhe rouba a família com amor.

O casal de pombinhos abraça-se e chora junto. O abraço tem poder, é como um laço que segura, uma âncora que não deixa ficar à deriva. Clara está de olhos fechados e cabeça no peito do marido. O telemóvel não se cala.

- Pai?! Estou na aldeia! É o fim do mundo! – Finalmente, pega no aparelho enfiado num bolso do casaco.

- Lisboa está um caos... - Do outro lado, chega uma voz de arrasto.
- Filha, foste a pessoa que mais amei na vida. Perdoa-me não ter sido um pai perfeito... Preciso de me despedir de ti... Amo-te... - A voz de Alberto está crivada de remorsos e aflições. O aparelho desliga-se repentinamente.

- Pai!!! Caiu a chamada, espero que ele fique bem! – Clara tem as faces submersas num mar de lágrimas. Deixa cair o telemóvel e volta a abraçar-se ao Tomás, enquanto ambos se mantêm de pé e sentem troncos e ramos de árvores passarem ao redor como pragas de serpentes.

Buracos abrem e pessoas são engolidas pela terra. Outras são sufocadas pelos troncos armados em cobras.

A igreja está de pé. Os poucos que confiaram nas paredes sagradas estão a salvo da revolução que submerge o mundo lá fora.

Na estultícia da falta de reação, os Rodrigues, pais e filho, foram dos poucos que se petrificaram no interior do templo e receberam as

arrastasse um cachorro teimoso pela trela.

É uma assembleia de rostos tristes e amedrontados, corpos esfarrapados e doridos.

O sacerdote põe-se a olhar a plateia, do alto do seu púlpito e da trigueira barba, com os olhos marejados de compaixão.

- Chamei-vos, ó povo de Deus! Hoje, aconteceu uma catástrofe. Vimos a natureza revoltar-se contra os homens e a mostrar-nos que ela manda mais do que nós. Temos de nos unir! Não podemos ficar cada um em seu canto, a chorar as perdas de entes queridos ou de bens. Estamos juntos nesta fase crucial. O que aconteceu põe-nos à prova! Se não nos unirmos agora, quando o faremos?!

Pessoas choramingam de emoção e anuem a cabeça ao padre.

- Pelo que já me pude aperceber, os aparelhos ainda não funcionam e não sabemos a extensão do que aconteceu. Esta tarde, vamos ver quem precisa de abrigo e alimentos, quem precisa de consolação espiritual. Vou estar aqui para vos ajudar e acompanhar. Aqueles que eventualmente perderam a casa ou não conseguem entrar, podem permanecer aqui na igreja até arranjarmos solução. Dizei-me quem está desaparecido e quem ficou sem casa!

Todos se entreolham de dor e piedade, egos em cinzas, certas esmigalhadas, carentes de mão amiga e ombro para chorar.

- Não sabemos se a desgraça acabou de vez ou se se vai repetir... - Alguém pessimista lembra os contrerrâneos. - Já não bastava o Covid, lá atrás...

- E as guerras! - Mais alguém atira achas à fogueira.

- Irmãos... - O sacerdote avisa, segundo a sua sensibilidade. - Esperamos firmemente que as forças celestes nos protejam e aquilo que vivemos hoje de manhã, não se repita. Mas não vos iludais. Os tempos do Apocalipse chegaram. O mundo terá muitas surpresas de ora em diante. E nós temos de nos unir, temos de nos ajudar uns aos outros. Dizei-me, então, que pessoas não apareceram mais, depois do que aconteceu?

A murcha plateia olha o sacerdote. Alguns começam a falar do que sabem, das pessoas que foram engolidas nos buracos súbitos, bocas a rosnar que se abriram no chão para tragar homens e depois se calaram, deixando familiares sem respostas e vazios nos corações.

Começa um tempo novo, em que já ninguém tem a ilusão de conhecer o amanhã e todos compreendem que precisam uns dos outros.